

A ação social como ferramenta de desenvolvimento da responsabilidade profissional dos estudantes de graduação

Adriane Maria Moro Mendes

Universidade Federal de Santa Catarina - adriane.mendes@ufsc.br

Estela Maris Giordani

Faculdade Antonio Meneghetti e Universidade Federal de Santa Maria - estela@pesquisador.cnpq.br

Eixo Temático: Humanismo & Complexidade

Resumo: A formação de estudantes de graduação, através da participação em atividades educativas nas escolas, é importante para desenvolver a responsabilidade profissional e despertar novas habilidades. Neste artigo são apresentados os resultados de um projeto de extensão universitária com estudantes de Odontologia, com o objetivo de incentivar a multiplicação desta prática, que contribui com a sociedade e com o amadurecimento profissional e pessoal dos envolvidos.

Palavras-chave: Projetos de extensão, formação profissional, responsabilidade.

Social action as a tool for development of professional responsibility of graduate students

Abstract: The training of graduate students through participation in educational activities in schools is important to develop the professional responsibility and to awake new skills. This article presents the results of a university extension project with students of dentistry in order to encourage the multiplication of these practices that contribute to society and to the professional and personal maturity of those involved.

Keywords: Extension Projects, professional training, responsibility.

1 Introdução

O crescimento na oferta de cursos superiores e consequente aumento da competitividade no mercado de trabalho fizeram emergir novas demandas de perfil profissional, cujas características subjetivas recebem tanta ou mais atenção do que os fatores técnicos. Portanto, para uma carreira satisfatória, é importante agregar experiências durante a vivência acadêmica dos estudantes. As instituições de ensino superior possuem programas específicos para a inserção dos jovens em atividades científicas e em projetos de extensão.

Enquanto a iniciação científica acontece dentro das instalações das universidades, as atividades de extensão destinam-se, preferencialmente, às empresas, escolas, ONGs, ou seja, ao contexto social que abrange a área de formação do estudante e de atuação do docente coordenador.



Este trabalho apresenta os resultados verificados na formação de estudantes do segundo ano do curso de Odontologia, quando inseridos em escolas para ensinar alguns dos conhecimentos já adquiridos. A premissa de que o conhecimento é fomentador de responsabilidade é levado a cabo na medida em que os estudantes ensinam crianças, de 5 a 7 anos de idade, a fazer a correta escovação dos dentes. As crianças aprendem a responsabilidade de cuidar de sua própria saúde bucal e isto se dá de forma ativa, já que os estudantes não as substituem na escovação, mas fazem com que elas mesmas usem corretamente a escova e o fio dental. Por outro lado, os universitários convivem com uma realidade social distinta da sua, aprendem a se comunicar com diretores de escola, professoras e a se inserir no mundo das crianças, que geralmente não nutrem muita simpatia por dentistas. A prática tem se mostrado um excelente meio de educação humanista desses universitários, em complementação ao seu extenso currículo técnico.

2 Fundamentação Teórica

Ao pesquisar cerca de 300 estudantes em iniciação científica, Giordani e Mendes (2009) verificaram que os principais valores que estes reconhecem ter adquirido nessas atividades foram a responsabilidade e a ética. São valores humanos centrais quando se anseia humanizar as relações sociais. Se incluirmos o valor da colaboração, temos a dimensão da extensão. “Faz parte do processo educativo, auxiliar o aluno no desenvolvimento de sua identidade pessoal e intelectual, por meio do ensino de conteúdos retirados da totalidade da cultura, enquanto mundo humanamente construído” (GRILLO et al, 2001, p. 150).

Concebemos a extensão universitária como um espaço formativo capaz de provocar mudanças, não apenas nos acadêmicos, mas também no contexto social e nos sujeitos envolvidos. Por isso, entendemos que existe a superação da ideia da extensão universitária estar sendo aplicada em um espaço de necessidades, superando assim a visão unilateral, ou ainda denominada via de mão única (MELO NETO, 2011). Entendida de modo dialético, a extensão universitária, inserida na sociedade do conhecimento, se traduz em múltiplas possibilidades formativas, com interação de diversos saberes e aprendizagens ocorridas em ambientes sociais reais. Para Martins (2008), a extensão universitária, aliada ao currículo dos cursos de graduação, assume a importância de formação integral do aluno com cunho humanista, na qual as relações que se estabelecem são as de cooperação e solidariedade.



Zabalza (2004) elenca pontos importantes a serem mencionados quando falamos em formação: *novas possibilidades de desenvolvimento pessoal*, que trata do crescimento pessoal; *novos conhecimentos*, que remete “à idéia de saber mais e ser mais competente como resultado do processo formativo contínuo. Esses conhecimentos englobam cultura básica geral, cultura acadêmica e cultura profissional” (p. 41); *novas habilidades*, referente às habilidades genéricas e especializadas e ao desempenho da função específica; *atitudes e valores*, referentes a como orientam seu trabalho; e, finalmente, *enriquecimento das experiências*, que traduz a ideia de que a formação deve ampliar e proporcionar novas experiências voltadas para o campo profissional.

A forte orientação profissionalizante da educação superior (o que significa dar preferência à “aplicação” dos saberes e não a sua mera acumulação ou seu mero desenvolvimento teórico) foi provocando, nos últimos anos, o surgimento de cenários formativos complementares, quase sempre ligados ao exercício da profissão. Foi assim que foi tomando corpo em toda a Europa a chamada *formação em alternância (estágio prático ou práticas em empresas)*, a qual se desenvolveu em um duplo cenário: a universidade e as empresas ou os serviços vinculados ao exercício da atividade profissional a que se refere (p. 28).

A extensão universitária, nesta conjuntura, tem se tornado um espaço de vivência dialética entre teoria e prática e entre professores e acadêmicos, provocando o conhecimento pela experiência e vice-versa. Na medida em que as instituições de ensino superior e seus profissionais ampliam o universo da sala de aula e a experiência de atuação profissional técnico-específica, preocupando-se igualmente com as competências sociais, formar-se-ão profissionais com maior qualificação e, por consequência, mais preparados para os desafios do exercício de suas profissões. Nesta direção, Delors et al. (2001) dizem que devem ser desenvolvidas aprendizagens contemporâneas nas dimensões do saber, do fazer, do conviver e do ser, visando “...o desenvolvimento total da pessoa — espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. (...) Para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida” (p. 99).

É por isso que entendemos que a primeira e fundamental formação que o professor universitário deve empreender é o trabalho sobre o potencial humano, é a inteligência humana que deve ser desenvolvida, e apenas o profissional que a desenvolve pode ser um protagonista em sua profissão (MENEGETTI, 2007). A tomada de consciência sobre essa forma de gerir

sua profissão, bem como sobre os recursos de que dispõe, faz com que se desenvolva de modo ímpar e empreendedor seu próprio talento pessoal e profissional.

3 Metodologia

Este trabalho é o relato da experiência de um projeto de extensão universitária desenvolvido com estudantes do curso de Odontologia da UFSC desde 2010. Inicialmente, partiu de uma atividade solicitada para a disciplina de microbiologia oral, portanto, trata-se de um projeto de ensino que depois ganhou a proporção de um projeto de extensão. O projeto foi elaborado pelos acadêmicos sob a supervisão da professora coordenadora e posteriormente foi aprovado pela instituição.

Os critérios definidos para a participação dos alunos no projeto são dois: disponibilidade de horário e aprovação na disciplina de Microbiologia. Os estudantes são informados do projeto enquanto alunos da disciplina. Eles se inscrevem para a atividade e são convidados para uma reunião inicial com a coordenadora do projeto. É definido o eixo da atividade e então os próprios acadêmicos escrevem o projeto e começam a entrar em contato com diretores e professores das escolas para oferecer a atividade, que consiste em ensinar às crianças a escovação correta dos dentes e a responsabilidade pela sua saúde bucal. Além das crianças, os pais recebem um pequeno texto com dicas de cuidados com a saúde bucal dos filhos.

Um pequeno teatro é feito no início de cada atividade, para estreitar os laços com as crianças e explicar alguns conceitos como cárie, bactérias etc. É também inserida a figura do dentista como um profissional amigo. A escolha do teatro é criteriosamente avaliada por toda a equipe, para que tenha a linguagem adequada para a idade da criança e que, ao mesmo tempo, mantenha a informação correta e respeite a inteligência da criança.

Na atividade, cada universitário supervisiona as crianças em pares, até que toda a sala tenha sido atendida. Muitas vezes a criança possui uma escova inadequada à sua idade, sendo necessário prover uma escova nova, e por esse motivo, já foi confirmado para o projeto o patrocínio de uma empresa fabricante. A Secretaria Municipal da Saúde também estabeleceu parceria com o projeto, para disponibilizar kits de saúde bucal infantil.

4 Resultados e Discussão

Os resultados aqui expostos dizem respeito à formação dos estudantes na ação social. Inicialmente despreparados para o contato com escolas e professores e inseguros sobre o próprio conhecimento para auxiliar as crianças, com a prática, a timidez ao falar e o medo de se expor vão dando lugar à responsabilidade, à satisfação e à busca de mais conhecimentos que podem ser úteis ao processo. Na interação com as crianças, aprendem a mantê-las atentas ao que está sendo ensinado, entram no universo problemático de crianças em vulnerabilidade social e buscam formas de auxiliá-las. Esta é uma forma de educar os jovens ao dever social, invertendo de algum modo a lógica da exclusividade apenas em relação aos direitos “[...] cada um – ninguém excluído – *tem o dever de contribuir com o bem social*, segundo os próprios meios. Tudo isso para garantir a sociedade, iniciando pelos próprios ‘próximos’ [...]” (grifo do autor) (MENEGETTI, 2006, p.181).¹



Fotografia 1: Universitário supervisiona a escovação das crianças.



Fotografia 2: As crianças usam o fio dental sozinhas.

¹ Tradução livre.



Fotografia 3: Os acadêmicos usam os personagens do *Chaves* para interagir com as crianças.



Fotografia 4: A criança interage com um macromodelo.

Cabe registrar que os alunos atuam como voluntários tendo, por vezes, que comprar materiais para a atividade com seus próprios recursos. O projeto tem como critério de permanência do aluno a participação nas reuniões de estudo e preparação e a assiduidade nas atividades nas escolas. A professora coordenadora participa sempre que possível, mas a responsabilidade é dos estudantes. O norte do projeto é que o pouco que se sabe já é útil a quem sabe menos.

5 Considerações Finais

A apresentação desta experiência teve por objetivo relatar os resultados que podem ser obtidos com a inserção de estudantes na ação social. Entende-se que seja uma forma de responsabilidade e reciprocidade, porque, no final, não se sabe ao certo quem está aprendendo mais, se as crianças ou os alunos. A realidade é que com atividades sociais os estudantes saem de sua zona de conforto, desenvolvem habilidades que vão fazer a diferença na sua vida profissional e assumem outra postura como cidadãos.

Além disso, tratando-se de acadêmicos de universidade pública, estes devem aprender que se seus estudos estão sendo subsidiados pelo Estado e que, de algum modo, nem que seja pela responsabilidade da excelência em sua formação, devem fazer com que os custos se convertam em ganhos coletivos, assim retribuindo à sociedade o que foi investido em sua formação. Por fim, espera-se contribuir para o aumento das atividades de extensão das universidades, que têm uma responsabilidade de reciprocidade com a sociedade.

Referências

DELORS, Jacques et al. Os quatro pilares da educação (p. 89-102). IN: DELORS, Jacques et al. **Educação um tesouro a descobrir**: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. XXI. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, UNESCO, 2001.

GIORDANI, E. M. e MENDES, A. M. M. A subjetividade no processo pedagógico de orientação no ensino superior. In: FREITAS, D. S.; GIORDANI, E. M.; CORRÊA, G. C. (Orgs.) **Ações educativas e estágios curriculares supervisionados**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

GRILLO, M. et al. Conhecimento escolar e transposição didática. In: FERNANDES, C. M. B. e GRILLO, M. **Educação Superior**: travessia e atravessamentos. Canoas: ULBRA, 2001.

MARTINS, Eliecília de Fátima. Extensão como componente curricular: oportunidade de formação integral e de solidariedade. Rev. **Ciências & Cognição**. Vol 13 (2): 201-209, 2008. Disponível em <<http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em 30 de setembro de 2011.

MELO NETO, José Francisco de. **Extensão universitária e produção do conhecimento**. disponível em <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao_academica/artigos/pa_a_ext_prod_conhecimento.pdf>. Acesso em 30 de setembro, 2011.

MENEGHETTI, Antonio. **La crisi delle democrazie contemporanee**. Roma: Psicologica Editrice, 2006.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2010. p. 149-167.

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.